

A MEDICALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: a representação de professores no processo de escolarização de alunos medicalizados.

Amanda da Silva Pisoni¹
Fabiana Gazzotti Mayboroda²

RESUMO: O presente artigo versa sobre a representação construída pelas professoras, do processo de escolarização de alunos medicalizados. É importante pontuar, que partimos da concepção que a medicalização da Educação, iniciada predominantemente sob o viés médico e do seu uso para o controle social, hoje envolve outros interesses, tais como: científicos, políticos e econômicos, que tornaram esse processo um dos maiores fenômenos da contemporaneidade, a medicalização da sociedade. Nesse sentido, apresentamos como problema de pesquisa: quais são as representações do processo de escolarização de alunos medicalizados, construídas pelas professoras de escolas públicas? Para responder esse problema, realizamos uma análise qualitativa das respostas escritas pelas professoras. O texto está organizado em três seções, além da Introdução e das Considerações Finais. Em nossa reflexão, percebemos que o discurso pedagógico não pode somente concordar e repetir o discurso médico, apoiando a medicalização sem antes pensar em alternativas. Nesse sentido, o papel da escola é refletir e analisar as alternativas pedagógicas existentes para os educandos, levando em consideração sua cultura e o seu processo histórico. Portanto, é importante ressaltar, que o encaminhamento para a área da saúde não transfere a responsabilidade da instituição escolar que é a construção de conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Medicalização; Sociedade; Educação.

ABSTRACT: *The present search thematizes on the representation constructed by the teachers, of the process of schooling of medicalized students. It is important to point out that from the conception that the medicalization of education, initiated predominantly under the medical bias and its use for social control, today involves other interests, such as: scientific, political and economic, that have made this process one of the greatest phenomena of contemporaneity, the medicalization of society. In this sense, I present as a research problem: what are the representations of the schooling process of medicalized students, built by public school teachers? To answer this problem, I performed a qualitative analysis of the answers written by the teachers. The text is organized in three sections, in addition to the Introduction*

¹ Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Cenecista de Osório.

² Pedagoga, Mestra em Educação e Doutora em Ciências do Movimento Humano.

and the Final Considerations. In my reflection, I realized that the pedagogical discourse can not only agree and repeat the medical discourse, supporting the medicalization without first thinking about alternatives. In this sense, the school's role is to reflect and analyze the existing pedagogical alternatives for learners, taking into account their culture and historical process. Therefore, it is important to emphasize that the referral to the health area does not transfer the responsibility of the school institution that is the construction of knowledge.

KEYWORDS: *Medicalization; Society; Education.*

INICIANDO AS DISCUSSÕES

Nossa intenção foi investigar como as professoras de escolas públicas representam o processo de escolarização do estudante medicalizado³. Desta forma, olhar para as representações construídas pelas professoras que têm alunos medicalizados em sala de aula e refletir sobre o processo de escolarização, é algo produtivo no sentido de perceber os efeitos de verdade⁴ que estão sendo produzidos nas escolas. Tal empreendimento pode ser justificado com uma forma muito útil de

pensar as relações entre os discursos e aquilo que temos chamado de realidade. Uma forma de pensar/ pesquisar/ escrever que põe em relevo a produtividade da linguagem; que destaca a positividade, a implicação das palavras no ordenamento do mundo social. Esta compreensão do papel da linguagem é tributária do movimento filosófico denominado 'virada linguística' (SOMMER, 2005, p.71).

Nesse sentido, pode-se entender que as professoras ao narrar a criança medicalizada, não estão apenas descrevendo uma forma de como ela se apresenta ou deveria se apresentar na escola e na sala de aula, estão, ao mesmo tempo, produzindo verdades de como ser um bom estudante e ordenando formas de viver no mundo. Portanto, não entendemos esses discursos sobre os estudantes, como narrativas neutras e inocentes; pelo

³ Definimos estudante medicalizado como aquele que utiliza de alguma medicação prescrita por um médico, com o objetivo de melhorar sua conduta em sala de aula.

⁴ Para Foucault (2014, p. 52) "a verdade é deste mundo; ela é produzida nela graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder". Nesse sentido, acredito que as verdades são produzidas através das relações históricas e sociais.

contrário, elas produzem efeitos, regulando formas de ser/estar em sala de aula e de se conduzir na tarefa de aprender. Desta forma, ao descrever os alunos, as professoras passam a realizar “práticas organizadoras da realidade” (SOMMER, 2007, p. 58).

É importante pontuar, que o interesse pelo tema surgiu após observarmos as falas de professoras que possuíam alunos com laudo. E posteriormente ouvindo relatos de famílias que foram induzidas pelas escolas a procurarem médicos para fazer uso de medicalizações. Causou estranhamento⁵, a exagerada medicalização de crianças e o grande número de diagnósticos realizados pelos profissionais da área médica, utilizando o DSM-V. Diante de algumas dificuldades enfrentadas pelos estudantes, nos dias de hoje é comum vermos diagnósticos de distúrbios e prescrição de medicamentos para tratar questões que são inerentes à vida social contemporânea e, que em alguns casos, não são necessários. Queremos pontuar com isso, que nem toda criança que é agitada ou que tem dificuldades de se concentrar na sala de aula precisa de medicamentos, em alguns casos são somente questões inerentes aos processos culturais, sociais e históricos. Desta forma, ao classificar a diferença dos alunos cria-se uma anormalidade que deverá ser corrigida. Percebendo esse exagero e levando em conta a mediação do professor, foi que surgiu o determinado tema. Também nos causa estranhamento o fato dos educadores necessitarem da presença do laudo para, a partir dele, pensar nos processos pedagógicos e nas práticas educativas.

Sendo assim, pretendemos conhecer as representações produzidas sobre o processo de escolarização de alunos medicalizados, que estão circulando nas escolas e com isso construindo formas de ser estudante na contemporaneidade.

⁵ Por estranhamento entendemos que é necessário “transformar o familiar em exótico”, necessitando de atenção por parte das pesquisadoras para apreender os significados culturais e que serão analisados a partir de uma descrição densa (Geertz, 1989)

O CONCEITO DE MEDICALIZAÇÃO E SUA ABRANGÊNCIA NOS DIAS DE HOJE

Vivemos, atualmente, em um mundo complexo de uma apresentação quase epidêmica de uma série de “transtornos mentais”. Se pararmos para observar, tanto nas famílias quanto nas escolas, podemos perceber um aumento significativo dos diagnósticos de transtornos de ansiedade e dos déficits de atenção. O sujeito pós-moderno⁶ apresenta-se como alguém em extremo sofrimento, que busca de tudo e em todos os lugares maneiras mais fáceis de acabar com a dor que o corrompe não importa onde vá nem o que faça.

O sociólogo Bauman (2000), pontua que vivemos a qualidade “fluida” dos líquidos e mostra que, quando adquire essa característica, o sujeito e os conceitos que conhecemos por individualidade, emancipação, trabalho e comunidade, entre outros, adquirem novas formas. Na civilização pós-moderna, pouco pode ser pré-determinado, fazendo com que nenhuma vitória seja permanente e nenhuma derrota definitiva. Observando as mudanças na sociedade contemporânea, é esperada e exigida do sujeito uma nova postura, diferente de outras épocas da história. Não se espera mais que ele siga as tradições antigas, no entanto, espera-se que acompanhe as diversas mudanças de paradigmas que acontecem no cenário da pós-modernidade.

Conforme Moysés e Collares (2013), o que vem acontecendo é que as pessoas que não se submetem aos padrões socialmente construídos, bem como os comportamentos normatizados pela sociedade, causam transtorno a maioria e são alvos de perseguições. Talvez, porque vendo uma pessoa que não se enquadra nas normas escancare que é possível ser diferente, isto é, que os padrões não são naturais, são produções sociais e historicamente construídos e não serão sempre os mesmos.

Portanto, a medicalização se refere a expansão do saber médico sobre aspectos da vida que antes não eram alvos desse saber, não existiam teorias

⁶ Compreendemos sujeito pós-moderno aquele que vive na contemporaneidade. Para Sennett (1998) o sujeito passa a apresentar conflitos que são gerados a partir do descompasso entre o planejamento a longo prazo e o imediatismo da vida cotidiana.

médicas. Seguindo este raciocínio, a medicalização é um processo de caráter moral que, por meio de um investimento contínuo no corpo, busca conduzir o comportamento do indivíduo para um sistema de normas culturais estabelecidas. Collares e Moysés conceituam que

O termo medicalização refere-se ao processo de transformar questões não-médicas, eminentemente de origem social e política, em questões médicas, isto é, tentar encontrar no campo médico as causas de soluções para problemas desta natureza. A medicalização ocorre segundo uma concepção de ciência médica que discute o processo saúde-doença centrado no indivíduo, privilegiando a abordagem biológica, organicista. Daí as questões médicas serem apresentadas como problemas individuais, perdendo sua determinação coletiva. Omite-se que o processo saúde-doença é determinado pela inserção social do indivíduo, sendo, ao mesmo tempo, a expressão do individual e do coletivo (COLLARES; MOYSÉS, 1994, p. 25).

E esse processo de tornar as questões pedagógicas em problemas médicos vem sendo cada vez mais comum, nas instituições escolares, as quais desenvolvem práticas pedagógicas embasadas em diagnósticos apressados e, muitas vezes, descontextualizados. Nesse sentido,

[...] bem antes de funcionar como um aparelho de ensinar conteúdos e de promover a reprodução social, a escola moderna funcionou – e continua funcionando – como uma grande fábrica que fabricou – e continuando fabricando – novas formas de vida. (VEIGA-NETO, 2007, p. 101).

O processo de medicalização é bastante discutido por Foucault (1980), para ele um dos elementos de sustentação é a promessa da medicina, que afirma ser capaz de curar e prevenir as doenças, a ponto de construir um futuro em que a existência da própria medicina será dispensável, pois terá eliminado todas as doenças, embora a impossibilidade de realizar tais promessas esteja se evidenciando.

A crítica à medicalização da educação tem sido objeto de pesquisa de vários autores, especificamente em relação à medicalização de crianças e adolescentes. Tais pesquisas, também discutem a relação entre a medicalização da educação, construindo doenças, com a não aprendizagem. Conforme a medicina, os graves e crônicos problemas do sistema educacional

seriam decorrentes de doenças que os saberes médicos seriam capazes de resolver, criando a demanda por seus serviços, ampliando a medicalização.

Foi, portanto, a partir dos anos 1980, que ocorre a progressiva ocupação do campo educacional pelas pretensas disfunções neurológicas, a tal ponto que hoje os discursos medicalizantes se referem à Dislexia, Transtorno por Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno de Oposição Desafiante (TOD) (MOYSÉS; COLLARES, 2010). A aprendizagem e o modo de ser e agir, tem sido alvos preferenciais da medicalização, em contrapartida crianças e adolescentes são os mais atingidos.

Conforme Moysés e Collares (2010), nos Estados Unidos entre 1990 e 1995, aumentou em 600% o uso e produção de metilfenidato⁷. No Brasil, a venda da Ritalina foi de 70.000 caixas no de 2000, e no ano de 2009 o número de vendas chegou a 1.700.000 caixas, sendo o segundo país que mais consome Ritalina no mundo. “[...] no ano de 2008 gastou-se cerca de 88 milhões de reais com a compra de metilfenidato no Brasil” (MOYSÉS; COLLARES, 2010, p.96). Portanto, com essas informações, podemos perceber que não foi agora que começou esse uso exagerado de medicalizações, é um dado que vem crescendo a cada ano.

Para Foucault (1977) o termo medicalização apresenta dois sentidos, um deles compreendido como um fenômeno ocorrido entre o final do século XVII e o final do século XIX, que é relacionado ao processo de sanitização de cidades europeias que, com o crescimento, passaram a sofrer intervenções médicas visando a salubridade e higiene social. Tal movimento foi de grande importância para o desenvolvimento das cidades e erradicação de algumas doenças e epidemias.

O segundo momento refere-se à medicalização indefinida, que teve início no final do século XIX e se estende até os dias atuais. Esse momento, caracteriza-se pelo excesso de interferência da ciência médica à vida como

⁷ Nome comercial do Metilfenidato é Ritalina, muito utilizada no tratamento do TDAH.

um todo, ou seja, não há fenômenos que não possam ser explicados por meio da relação do corpo com a medicina. A partir desse momento, a medicina passou a fazer parte do cotidiano, como uma intervenção sem demanda agregada à sexualidade, às escolas, às famílias e aos tribunais.

A medicina na segunda metade do século XX está ligada a pelo menos quatro processos técnicos administrativos que caracterizam a medicina moderna: a) autoridade médica; b) ampliação do seu campo de intervenção; c) hospital como aparelho de medicalização coletiva; d) introdução de mecanismos de administração médica como registros e estatísticas. Esses acontecimentos são cruciais para o entendimento do processo de medicalização que avança em direção ao presente.

PROCESSO METODOLÓGICO

A pesquisa que aqui se apresenta é de cunho qualitativo. Para as análises realizamos leituras sobre o tema em fontes bibliográficas diversas, entre elas: livros e artigos científicos. Posteriormente, foi realizado questionário com algumas professoras da rede pública. A análise qualitativa dos dados caracteriza-se por ser um processo indutivo que tem como foco o cotidiano dos sujeitos e deve manter a fidelidade dos dados. Triviños apresenta que

Alguns autores entendem a pesquisa qualitativa com uma “expressão genérica”. Isto significa, por um lado, que ela compreende atividades de investigação que podem ser denominadas específicas. E, por outro que, todas elas podem ser caracterizadas por traços comuns. Esta é uma ideia fundamental que pode ajudar a ter uma visão mais clara do que pode chegar a realizar um pesquisador que tem por objetivo atingir uma interpretação da realidade do ângulo qualitativo. (TRIVIÑOS, 1987, p.120)

A pesquisa qualitativa não deve se preocupar com representação numérica e sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social. A pesquisa preocupa-se com aspectos que não podem ser quantificados, tentando compreender a totalidade do fenômeno, mais do que focar em conceitos específicos.

A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos – estudo de casos; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais/registros de campo; históricos interativos e visuais – que descrevem momentos significativos rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. Portanto, os pesquisadores dessa área utilizam uma ampla variedade de práticas interpretativas interligadas na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está ao seu alcance. (DENZIN; LINCOLN. et al. 2006, p. 17)

O questionário é uma técnica que serve para coletar as informações da realidade e segundo Gil (1999, p. 128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc”.

Na fase da exploração dos materiais, BARDIN (2009) sugere que a análise do material exige sua codificação, ou seja, a transformação de dados brutos dos textos, por recortes até que sua codificação atinja a representação do conteúdo ou sua expressão. Para fazer a codificação podem ser usadas palavras, temas, contextos, relações etc. chegando na categorização dos mesmos, essa categorização é a operação de classificação dos elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação.

Desta forma, realizamos primeiramente o perfil de cada informante da pesquisa. Para melhor apresentar os dados do perfil, construí uma tabela, que consta: a formação, o tempo de atuação e a turma que atua.

Entrevistada⁸	Formação	Tempo de atuação	Turma que atua
Professora A (PA)	Graduação em Pedagogia. Especialização em Educação Especial Inclusiva	Cinco anos	1º ano
Professora B	Graduação em Pedagogia	Dez anos	3º ano

⁸ Por questões éticas, manteremos a identidade das professoras de forma anônima. É importante pontuar que todas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e uma cópia pode ser visualizada no Apêndice.

(PB)			
Professora C (PC)	Graduação em Pedagogia. Especialização em Neuropsicopedagogia	Quatro anos	Pré I e 5º
Professora D (PD)	Graduação em Pedagogia dos Anos Iniciais. Especialização em Supervisão, Orientação e Educação Infantil	Vinte anos	1º e 3º Fundamental e Normal médio Magistério

Fonte: as pesquisadoras

A partir da seleção das informantes da pesquisa produzimos um questionário com perguntas abertas, que nos levasse a compreender a representação do processo de escolarização do aluno medicalizado.

Uma segunda etapa do processo iniciou-se a partir da leitura das respostas de cada professora. Assim, conseguimos a partir dessa imersão, construir três eixos emergentes e estruturantes de análise: (1) o diagnóstico pedagógico, (2) as dificuldades encontradas em sala de aula e (3) relacionamento entre escola e família.

Na terceira etapa do processo, a partir dos eixos estruturantes, realizamos o agrupamento nos blocos específicos. Assim, faz-se necessário descrever as perguntas que foram selecionadas para cada eixo.

	Perguntas realizadas
Eixo 1 Diagnóstico Pedagógico	Como você recebe os alunos nos primeiros dias de aula? Como realiza o diagnóstico pedagógico?
	Quais são os comportamentos ou aprendizagens que você espera que o aluno tenha no início o ano?
	Há alguma troca com a professora do ano anterior? Como são realizadas essas trocas?
Eixo 2 Dificuldades encontradas em sala de aula	Quando um aluno apresenta dificuldade, como é o acompanhamento dessa criança em relação a coordenação pedagógica (supervisão escolar)?
	Você já observou em seu trabalho, alunos com dificuldade para aprender?
	De que forma se manifestam as dificuldades de aprendizado? Como você resolve as dificuldades em sala de aula?
	O que você costuma fazer quando se depara com algum aluno com dificuldade de aprendizagem?

	Como você acredita que os problemas de aprendizagem devem ser resolvidos pelo professor? Como deve acontecer a ajuda de outros profissionais?
Eixo 3 Relacionamento entre escola e família	Como é o seu contato com a família?
	Você procura saber os motivos para o aluno não aprender?
	O que acha do uso de medicamentos por alunos com dificuldades de aprendizagem?

Fonte: as pesquisadoras

A última etapa do processo metodológico foi realizada a partir das respostas das professoras. Essa etapa constituiu-se de uma apreciação minuciosa na qual marquei os excertos que pudessem ser analisados a partir do objetivo da pesquisa.

REFLETINDO SOBRE ALGUNS PONTOS

O diagnóstico pedagógico

O homem, mesmo sob o aspecto físico, não se limita a seu organismo. O Homem, tendo prolongado seus órgãos por meio de instrumentos, considera seu corpo apenas como um meio de todos os meios de ação possíveis. É, portanto, além do corpo que é preciso olhar, para julgar o que é normal ou patológico para esse mesmo corpo. (CANGUILHEN, 2002, p. 162).

A sociedade em que vivemos, atualmente é pautada pelo individualismo, pela busca de soluções imediatistas, marcada, principalmente pelo enfraquecimento das lutas coletivas. Assim, a escola inserida nesse contexto, apresenta-se com indivíduos conectados no século XXI, com a estrutura e as demais dimensões do século passado. Portanto, essa desconexão reflete em práticas complexas e que, muitas vezes, tornam-se naturalizadas.

Popkewitz; Olsson e Petersson (2009) refletem sobre a ideia de sociedade de aprendizagem, portanto “o aprendente dessa nova sociedade é um cosmopolita guiado pela adesão à mudança e a inovação contínua” (p. 74). Porém, para a concretização dessa sociedade de aprendizagem, o aprendente⁹ deve ser civilizado isto quer dizer, incorporar as capacidades da razão para uma nova sociedade.

⁹ Para Popkewitz (2001, p. 79) “[...] a instrução envolve questões relativas às disposições, às atitudes e aos sentimentos das crianças [...]. A ênfase está no desenvolvimento de

Portanto, ao não se enquadrar em certo tipo de etiqueta civilizatória (ELIAS, 1990), os professores tendem a normatizar o sujeito, solicitando o diagnóstico de alunos. Desta forma, diagnosticar é pontuar que a criança possui algum tipo de dificuldade no processo de escolarização. Assim, os profissionais irão construir hipóteses provisórias que posteriormente poderão ser ou não descartadas ao longo do processo recorrendo, para isso, a conhecimentos práticos e teóricos. Esse diagnóstico normalmente só é realizado a partir da inserção da criança no ensino formal.

Com base nisso, a Professora C (PC) aponta que realiza o diagnóstico pedagógico “com dinâmicas de grupo, visualizando suas interações e vendo já possíveis dificuldades de aprendizagem e de socialização [...] envolvendo interação social”.

Nesse sentido, conforme afirma Bakhtin (1980 apud DAHLET, 2005), o nosso discurso e desenvolvimento acontece a partir das interações com o outro, ou seja, nós aprendemos com as interações que ocorrem no meio externo e posteriormente nos desenvolvemos internamente.

Conforme relato da Professora B (PB) afirma que “nas primeiras semanas organizo um planejamento de sondagem com atividades de revisão e diagnósticas; busco avaliar [...] o contexto social em que está inserido e o que ele demonstra nas atividades”.

Luckesi (2005) pontua que o professor propõe uma situação, constrói o atendimento e o apoio necessário para que os entendimentos e mudanças sejam compreendidos como um ato de diagnóstico. Assim, permite saber se a criança precisa de mais intervenção pedagógica, para que então, o professor crie condições de aprendizado, incluindo a construção do conhecimento, relacionando as experiências de vida com os assuntos da aula e oferecendo-lhe condições de aprender o que ainda não conhece. Portanto, Luckesi define, que

comportamentos sociais e atitudes psicológicas que não são encontrados no ambiente dos alunos fora da vida escolar”.

[...] a avaliação da aprendizagem como um ato amoroso, no sentido de que a avaliação, por si, é um ato acolhedor, integrativo, inclusivo. Para compreender isso, importa distinguir avaliação de julgamento. O julgamento é um ato que distingue o certo do errado, incluindo o primeiro e excluindo o segundo. (2005, p.172)

O mesmo autor enfatiza que o processo avaliativo não deve ser um processo de julgamento, pontuando se os discentes sabem ou não, mas um processo de construção do que ainda não foi alcançado.

Dificuldades encontradas em sala de aula

Nem sempre que o cérebro funciona mal é por culpa de uma falha cerebral: pode ser resultado de um ambiente nocivo. (apud COLL, MARCHESI e PALÁCIOS 2004, p.68).

Acreditamos que a aprendizagem efetiva está garantida a partir da articulação entre as condições internas e externas do sujeito. O ser humano nasce potencialmente condicionado a aprender, nesse sentido precisa de movimentos de desequilíbrio para construir o aprendizado (PIAGET, 1995). Assim, a aprendizagem acontece no meio social e temporal em que o indivíduo convive, mediado pela intervenção pedagógica do professor.

Sobre as dificuldades de aprendizagem a Professora A (PA) cita que se manifestam “através de alunos muito dispersos e com dificuldade de concentração”. Portanto, procura resolvê-las com “planejamento flexível que trabalhe com as dificuldades específicas do estudante, buscando “desenvolver um vínculo afetivo com a criança, desenvolvendo assim uma relação de confiança”.

De acordo com La Taille

a criança pequena precisa confiar nas pessoas que pretendem ser sua referência moral para que estas de fato o sejam, e que, do contrário, sua influência no despertar do senso moral fica abalada, com os prejuízos decorrentes para a construção do sentimento de obrigatoriedade. (2006, p. 112)

Vários autores acreditam que a afetividade interfere nas operações de inteligência, que ela a estimula ou a perturba, que é a causa da aceleração ou dos retardos na aprendizagem.

Segundo Parolin (2007, p. 50), “a família é o núcleo constitutivo do sujeito”. A criança nasce inserida na sociedade por meio das famílias, e assim acaba incorporando a cultura que a cerca. Depois da família a escola é o local que mais contribui para a construção dos padrões culturais das crianças, pois amplia o mundo social entrando em contato com outras pessoas. A escola é vista como o ambiente capaz de resolver os problemas sociais e psicológicos das crianças.

Nesse sentido, é importante pontuar que na contemporaneidade houve um alargamento das funções da escola (GADELHA, 2009). Em relação a isso,

Ao questionar e problematizar esse caráter expansionista da escola não estamos querendo dizer que a escola não deva atentar para questões sociais, pessoais, biológicas ou psicológicas das crianças e deixar de considera-las em suas práticas cotidianas. Porém, um aspecto é o envolvimento com um conjunto de circunstâncias sociais e pessoais que trazem implicações diretas para a aprendizagem das crianças na escola, outro, bem diferente, é tomar essa imensidão de tarefas como primordiais da escola. Esse entendimento faz com que, não só, professores, diretores e comunidade acreditem que tais tarefas sejam mesmo responsabilidade da escola, como também secundariza sua função principal, qual seja: a produção de conhecimento escolar. (LOCKMANN; TRAVERSINI, 2017, p. 821-822)

Desta forma, observa-se que houve um aumento significativo no ato de medicalizar, reforçando a hipótese do fracasso escolar, pois o aprender e o não aprender são referidos como algo individual, próprio da criança.

A Educação, assim como todas as áreas sociais, vem sendo medicalizada em grande velocidade, destacando-se o fracasso escolar e seu reverso, a aprendizagem, como objetos essenciais desse processo. A aprendizagem e a não aprendizagem sempre são relatadas como algo individual, inerente ao aluno, um elemento meio mágico, ao qual o professor não tem acesso portanto, também não tem responsabilidade. (COLLARES; MOYSES, 1994, p.26)

Com isso, existe uma preocupação pela busca de diagnósticos e pela escrita dos laudos, tanto pelos profissionais da Educação quanto os da área da saúde. Isto posto, a responsabilidade é deslocada e atribuída aos profissionais da área da saúde, e em meio a isso os professores desempenham um papel de intercessor passando a responsabilidade do não

aprender aos alunos. Sendo assim, o laudo funciona como uma justificativa para a não aprendizagem da criança.

Sobre os problemas de aprendizagem a Professora B (PB) pondera que “[...] acredito também que se houver um trabalho em rede, escola-família-saúde, o êxito na aprendizagem seria muito maior e efetivo”.

Quando estabelecemos um comportamento ideal toda criança que tiver um comportamento que difere desse estipulado, será considerada “anormal”. Sendo assim, o sujeito que não se enquadra nos moldes que foram previamente estabelecidos é diagnosticado como portador de algum distúrbio ou transtorno, portanto passa a ter acompanhamento médico e consecutivamente a fazer uso de medicalizações. Podemos constatar isso nas palavras de Moysés e Collares (2013, p.12) que afirmam que “o que escapa às normas, o que não vai bem, o que não funciona como deveria... tudo é transformado em doença, em problema individual”. Ou seja, nos dias de hoje busca-se, através dos medicamentos o recurso para moldar comportamentos de acordo com o que é considerado ideal pela sociedade.

A Professora D (PD) ao ser questionada sobre o que acredita do uso de medicamentos afirma, “[...] alguns alunos são somente muito ativos e não podem ser confundidos com hiperativos”.

Guarido (2007, p.160) salienta, que “a medicalização em larga escala das crianças nos tempos atuais pode ser lida também como apelo ao silêncio dos conflitos, negando-os como inerentes à subjetividade e ao encontro humano”. A autora complementa pontuando, que o discurso pedagógico não pode somente concordar e repetir o discurso médico, apoiando a medicalização sem antes pensar em alternativas para resolver os conflitos na escola. Em vista disso, a escola e todas as pessoas que a compõe, não devem pensar que o medicamento é a solução para os problemas que existem no ambiente escolar. O papel da escola é refletir e analisar as alternativas pedagógicas existentes, esgotando todas as possibilidades. É importante ressaltar, que o

encaminhamento para a área da saúde não transfere a responsabilidade da instituição escolar que é a construção de conhecimento.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as pesquisas realizadas para a composição deste trabalho, podemos refletir sobre aspectos importantes referentes ao processo de escolarização dos estudantes medicalizados, e conseqüentemente, analisar sobre a medicalização da educação. Uma das maiores preocupações é o consumo, cada vez maior crescente de Metilfenidato no Brasil.

O objetivo da pesquisa não foi afirmar que os medicamentos são nocivos e que não devem ser utilizados, mas promover uma reflexão sobre o processo de naturalização de algumas condutas. E, principalmente, alertar que a intervenção pedagógica não precisa de um laudo para que aconteça. Reiteramos a necessidade do olhar afetivo e acolhedor dos docentes em relação as dificuldades que os estudantes possam apresentar.

Enquanto pesquisadoras, acreditamos na importância do medicamento para algumas crianças, quando aliado a práticas educativas inclusivas e acolhedoras, que tratem dos sujeitos como serem complexos e dotados de experiências próprias. É importante salientar, que o medicamento não promove o aprendizado por si só, ele auxilia nos processos bioquímicos que poderão ajudar a criança tornando o processo menos doloroso.

Pensando nisso, precisamos modificar nossa forma de pensar sobre a criança ideal, acerca do que se avalia como sendo um bom comportamento, pois são conceitos muito relativos e específicos de cada um. Desta forma, nem todo aluno que conversa e se movimenta o tempo todo tem dificuldade de aprendizagem, e nem todo aquele que é quieto e obediente aprende tudo, são indícios que temos que levar em consideração na hora de fazermos o encaminhamento para a área da saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

CANGUILHEN, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

COLL, César, MARCHESI, Álvaro e PALÁCIOS, Jesús. **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Transtornos do Desenvolvimento e Necessidades Educativas Especiais**. Trad. Fátima Murad- 2 Ed. Porto Alegre: Artmed, 2004, 3v.

DAHLET, P. Dialogização Enunciativa e Paisagens do Sujeito. In: BRAIT, B. Bakhtin. **Dialogismo e construção do sentido**. 2ª ed. ver. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 2ª ed., 1980.

GADELHA, Sylvio. **Biopolítica, Governamentalidade e Educação: introdução e conexões a partir de Michel Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUARIDO, Renata. A medicalização do sofrimento psíquico: considerações sobre o discurso psiquiátrico e seus efeitos na Educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.33, n.1, 2007.

LA TAILLE, Yves de. **Moral e Ética: dimensões intelectuais e afetivas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LOCKMANN, Kamila; TRAVERSINI, Clarice Salete. Alargamento das funções da escola e redefinição dos conhecimentos escolares: implicações da educacionalização do social. **Revista de Educação Pública**, [S.l.], v. 26, n. 63, p. 817-835, sep. 2017.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições** -17 ed.-São Paulo: Cortez, 2005.

MOYSES, Maria Aparecida, COLLARES, Cecília Azevedo Lima. **Dislexia e TDAH: uma análise a partir da ciência médica**. Medicalização de crianças e

adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos. São Paulo: Casa do Psicólogo.

MOYSÉS, Maria A. A., Collares, Cecília A. L. Controle e medicalização da infância. **Revista Desidades**, n.1, ano 1. Dez 2013. NIPIAC. UFRJ.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de Psicologia**. 21ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

POPKEWITZ, Thomas. **Lutando em defesa da alma**: a política do ensino e a construção do professor. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

POPKEWITZ, Thomas; OLSSON, Ulf; PETERSSON, Kenneth. Sociedade da Aprendizagem, Cosmopolitismo, Saúde Pública e Prevenção à Criminalidade.

SENNETT, R. **A Corrosão do Caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 1998.

SOMMER, Luís Henrique. Tomando palavras como lentes. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel E. (Org.) **Caminhos Investigativos III**: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 69-83.

SOMMER, Luís Henrique. A ordem do discurso escolar. **Revista Brasileira de Educação** vol. 12, n. 34, p. 57-67, jan./abr. 2007.

TRIVINOS, Augusto N. S. (1987). **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, Atlas.

VALADÃO, M. M. **Saúde na Escola: um campo em busca de espaço na agenda intersetorial**. 2004. 154 f. Tese (Doutorado em Serviços de Saúde) – Departamento de Prática de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2004.

VEIGA-NETO, Alfredo. Pensar a escola como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da modernidade. In: COSTA, Marisa Vorraber. (org.) **A escola tem futuro?**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.